



O TABU NO INCESTO NA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA

Prof. Dra. MARILIA MELLO PISANI
Professora de Filosofia da Universidade Presbiteriana
Mackenzie e da Universidade São Judas Tadeu (SP)

mariliampisani@mackenzie.br

Parte I

Bronislaw Kasper Malinowski
(1884-1942)



- Matemático e físico polonês
- Etnografia: trabalho de campo/ diário etnográfico
- Teoria científica da Cultura (Antropologia como ciência):
- Funcionalista → Biologia

Malinowski e a História da Antropologia

Malinowski trouxe importantes contribuições tanto para a etnografia quanto para o desenvolvimento da Antropologia como disciplina científica.

Os trabalhos até então realizados nesta área se limitavam à descrições e grandes monografias sobre os povos ditos “exóticos”: recusa do eurocentismo e do etnocentrismo.

Malinowski procurou tornar o material coletado em campo objeto de um conhecimento propriamente científico.

Tentativa de mostrar que a vida dos povos “primitivos” não era incoerente, mas se fundava numa unidade que era preciso descobrir. Ele vai se deter na análise não apenas das ações e dos costumes, mas nas representações culturais, nos mitos e rituais dessas povos, mostrando a coerência e significado destes.

A novidade de seus trabalhos em relação ao desenvolvimento anterior da antropologia foi a focalização no aspecto cultural.

Etnografia

As pesquisas de campo de Malinowski fizeram dele um inovador na forma em coletar dados de campo: a partir dele a pesquisa social adquiriu um caráter mais envolvente com o objeto de pesquisa estudado e o pesquisador passou a participar diretamente do cotidiano social observado.

Malinowski dedicou boa parte da vida na observação etnográfica, coletando dados que por ele eram vivenciados, correlacionados e entendidos, influenciando decisivamente as ciências humanas principalmente por ter ele percorrido diversos campos do saber em suas observações de campo: psicologia, lingüística, economia, religião, sexualidade, biologia.

Principais obras etnográfica

- *As Ilhas Trobriands (1915)*
- *Crenças e costumes nativos sobre procriação e gravidez (1914)*
- *Os Argonautas do Pacífico Ocidental (1922)*
- *A Vida Sexual dos Selvagens do Noroeste da Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobriand (1922)*
- *Crime e costume na sociedade selvagem (1926)*
- *Sexo e repressão na sociedade selvagem (1927)*
- *Os jardins de corais e sua mágica (1935)*
- *Magia, ciência e religião (1948)*

Ilhas Trobriands - Melanésia



Teoria científica da cultura

Sistematização teórica dos dados etnográficos (ciência)

Obra: “Uma Teoria Científica da Cultura” (1941)

Propõe uma *explicação científica da cultura*. Os fenômenos culturais são determinados pelas necessidades básicas da vida, ou seja, pela biologia.

Mas o que é cultura, para Malinowski?

É a criação de um “ambiente secundário”, “artificial”, que se realiza a partir da satisfação das necessidades orgânicas e básicas (alimentação, vestuário, reprodução, abrigo, etc.), o que por sua vez abre a possibilidade de novas necessidades, a serem satisfeitas a partir da criação de um novo ambiente: tem-se assim uma relação progressiva da satisfação de necessidades e desenvolvimento de cultura.

Ao lançar os fundamentos de uma abordagem científica da cultura, Malinowski procura tanto os elementos de “diversidade cultural” quanto aqueles que constituem a “unidade do gênero humano”.

Sexualidade nas Ilhas Trobriands

Ao tomar a sexualidade como objeto da ciência antropológica no livro *A Vida Sexual dos Selvagens do Noroeste*, Malinowski vai analisar o que se convencionou a ver como fenômenos exóticos, “bizarrices” e “imoralidade” da sexualidade primitiva a partir de uma perspectiva funcional, ou seja, como meio para um fim, como resposta cultural, humana, à processos orgânicos.



Sexualidade nas Ilhas Trobriands

- Primeira advertência:

“Enganar-se-ia quem classificasse de **imoralidade** a liberdade sexual que reina entre os trobriandeses: a imoralidade, entendida como ausência de qualquer tipo de restrição, regras e valores, não pode existir em nenhuma cultura... por mais pervertida que seja.”
(Malinowski)

(a não ser que esteja querendo significar uma moralidade diferente da nossa moral ocidental cristã)

Apesar do desembaraço no que concerne à vida sexual, as regras de decência e decoro são tantas entre os trobriandeses quanto são suas liberdades: mesmo entre os costumes que autorizam a liberdade sexual, não há um sequer que não comporte certos limites bem definidos; não há concessão ao impulso sexual que não imponha restrições.

Sexualidade nas Ilhas Trobriands

- Segunda advertência:

Malinowski adverte àqueles que pensam em encontrar em seu texto pornografias ou fatos que satisfaçam suas inclinações pornográficas que ficará desiludido:

“o leitor verá que os nativos de Trobriand não tratam a sexualidade apenas como fonte de prazer, mas como algo sério e até mesmo sagrado” (Malinowski)

“O homem e a mulher nas Ilhas Trobriands, suas relações de amor, no casamento e na vida tribal: este será o tema do presente estudo”. (Malinowski)

Sexualidade nas Ilhas Trobriands

Os habitantes de Trobriand não se relacionam com o sexo apenas em sua perspectiva fisiológica mas, tal como para nós, há uma interação simbólica com ele. Ele implica amor e namoro, torna-se o núcleo de instituições como o casamento e a família.

As instituições dos trobriandeses são feitas para permitir que a paixão brutal se purifique e se torne um amor que dure para toda a vida (...) É talvez na mistura de elementos puramente sensuais com elementos românticos..., é nessa riqueza e multiplicidade do amor que reside o seu mistério filosófico, o seu encanto para o poeta e seu interesse para o antropólogo. (Malinowski, 1983, p. 22)

Os princípios do direito materno

“Sociedade matrilinear”

A descendência é determinada a partir da linhagem da mãe e não do pai (tal como encontramos em nossa sociedade e que caracteriza uma “sociedade patrilinear”).

Esse é um dos fatores mais importantes do sistema legal Trobriandes, nascido da idéia de que a mulher seria a autora única e exclusiva do corpo do filho, não cabendo ao homem participação nenhuma na procriação.

“Esse é o princípio fundamental da concepção de parentesco que possuem”. (Malinowski)

A concepção matrilinear de parentesco é de suma importância para as restrições e regulamentações a que está sujeito o casamento e os tabus que pesam sobre as relações sexuais.

Tama

- Difícil usar termos próprios de nossa cultura para caracterizar as relações de parentesco desses nativos, pois podem obscurecer sua especificidade.

Por exemplo, a nossa palavra “pai” tem uma definição exclusivamente social: o “pai” é o *tomakawa*, o “intruso”, “estranho”, aquele casado com a mãe – ou “*tama*”.

O que significa “tama”?

“O marido de minha mãe”, é a resposta dos nativos.

O *tama* é um pai de criação, aquele que dá amor, carinho e proteção. Como os casamentos em Trobriand são “patrilocais”, isto é, a mãe se muda para a aldeia do marido, o *tama* é o companheiro de todos os momentos, sente e demonstra afeição, carinho, participa a educação. Portanto, a palavra *tama* tem forte conotação emocional, condensa as experiências da infância.

Tama



@ C. Beckwith y A. Fisher

Tama e Kadagu

Logo que entra na adolescência surgem certas complicações e modifica-se o sentido que a palavra *tama* tinha para ele. O jovem descobre que não pertence ao mesmo clã que seu *tama*, que sua “origem totêmica”* origina-se o clã da mãe.

Outro homem desponta no horizonte – *kadagu*, o irmão da mãe. À medida que cresce, o *kada* (irmão da mãe) assume sobre ele uma autoridade cada vez maior, reclamando seus serviços, controlando seus atos, ao passo que a autoridade do *tama* e seus conselhos assumem papel menos importante.

Essa dupla influência do amor paterno (*tama*) e o princípio matrilinear determina profundamente a existência de todo indivíduo, cria tensões, deita profundas raízes na estrutura instintual e nas idéias e sentimentos sociais dos nativos, e por vezes, não funciona com ajuste perfeito.

Sexualidade nas Ilhas Trobriands: infância

- As crianças nas Ilhas Trobriand desfrutam de grande liberdade e independência: não existe qualquer noção de disciplina regular ou coerção doméstica; a violência na família é vista como imoral.
- A liberdade das crianças se refere também em relação à sexualidade. A sexualidade não é escondida das crianças. As brincadeiras sexuais infantis estão longe da crueza da prática sexual, elas acontecem permeadas de elementos poéticos e românticos, como brincadeiras.



- Malinowski faz questão de frisar: “*convém insistir sobre o fato de que não há nenhuma interferência de pessoas de maior idade na vida sexual infantil*” (p. 86).

A atitude dos adultos em relação às brincadeiras sexuais infantis é de completa indiferença; são consideradas naturais, um divertimento inocente, brincadeira.

Porém, não é conveniente realizá-las em casa, mas sim longe, em lugares próprios para as brincadeiras de crianças. As brincadeiras sexuais são exclusivas para crianças, ficando de fora os adolescentes e crianças mais velhas.

Há certos relatos de caso de interesse exagerado de pessoas mais velhas por crianças, mas estão longe de ser aprovados pela opinião pública, que considera a prática imprópria e estúpida.

Sexualidade nas Ilhas Trobriands: adolescência

Quando a criança chega na adolescência ela recebe um status diferente, deveres e privilégios, uma observância rigorosa dos tabus e maior participação nos assuntos da tribo, as meninas passam a usar saiotas e os meninos tanga.

Uma ruptura parcial com a família acontece nessa fase: “irmãos e irmãs precisam ser separados em obediência ao rigoroso tabu que tão importante papel desempenha na vida tribal”. Os meninos são enviados para a casa dos solteiros, *bukumatula*, de viúvos, parentes ou amigos da família. As meninas vão para a casa de alguma tia materna ou parenta, ou mulher viúva.

Bukumatula

Na adolescência a natureza da atividade sexual torna-se mais séria, converte-se em paixão absorvente; agora, longe de brincadeira, entram em cena as preferências pessoais e os casos se tornam mais permanentes, com fidelidade e afeto exclusivos, apesar de isso não ser uma regra, pois não há nenhuma obrigação que imponha a exclusividade, a não ser o desejo pessoal. As relações de exclusividade são preferidas, mas não impostas.

Podem viver juntos na casa dos celibatários, “bukumatula”, antes de que se estabeleçam as relações de matrimônio.

As casas de solteiros caracterizam-se por: (1) exclusividade entre parceiros; (2) decoro e ausência de relações orgiásticas; (3) falta de vínculo legal; (4) exclusão de qualquer comunidade de interesses que não a coabitação (p. 104).

Malinowski conversando jovens nativos de Trobriand



Malinowski conversando jovens nativos de Trobriand



Malinowski sentado em frente a uma bukamatula



Regras de decência e decoro

Há uma regra cultural curiosa para os que vivem na casa dos solteiros em situação de pré-matrimônio, e bastante diferente da nossa: o casal não deve fazer refeições juntos.

“Esse ato feriria gravemente a susceptibilidade de um nativo, bem como seu senso de decoro. (...) Levar uma jovem para jantar antes de haver se casado com ela – coisa que é permitida na Europa – seria desonrá-la aos olhos de um trobriandês” (p. 103).

Observação: *“Não há dúvida de que a tolerância é grande para com a formas naturais de intercursos sexual, mas, em compensação, afasta-se as muitas aberrações sexuais e constituem uma salvaguarda mais eficiente para o casamento e a família”.*

O incesto e a sexualidade em outras culturas: variedades de regras e comportamentos

Margareth Mead – “**Sexo e Temperamento**”

- Aparesh – sociedade harmônica
- Mundugumor – sociedade violenta
- Tchambuli – sociedade onde os homens têm algumas das funções tradicionalmente atribuídas às mulheres e vice-versa.

Moralidade e costumes: o tabu (supremo) do incesto

- Quem é o primitivo?

As atitudes dos trobriandeses em relação às regras morais são muito parecidas com as nossas: acreditam firmemente nelas e desaprovam a transgressão.

Um trobriandês ficaria chocado ao ver um homem branco roubando, ou manifestando ternura pela esposa em público, ou não guardando compostura em companhia da irmã.

“A melhor maneira de apreciar a moralidade sexual de uma cultura inteiramente diferente consiste em lembrar-se de que o impulso sexual nunca é completamente livre, nem poderá ser completamente escravizado por imperativos sociais. Os limites da liberdade variam; mas existe sempre uma esfera dentro da qual ela é determinada somente por motivos biológicos e psicológicos, e também uma esfera em que o controle do costume e da convenção desempenha o papel predominante”. (p. 422.)

Desvios e “aberrações” sexuais

Além de descrever várias das regras de decoro e moralidade presentes na cultura dos habitantes de Trobriand, Malinowski também descreve os desvios e aberrações sexuais, ou seja, os comportamentos que são recusadas por seus nativos como inadequados ou desprezíveis no exercício do impulso sexual:

Ex: atos libidinosos com animais, exibicionismo, erotismo anal ou oral, masturbação, exibição pública do ato sexual, “gula” ou excessos sexuais, sexo em determinadas ocasiões, fetichismo, sodomia, sadismo e masoquismo, etc.

Segundo Malinowski, os nativos conseguem livrar-se quase que por completo das perversões por meio do que se poderia chamar de “sanções psicológicas”, mais do que sociais.

As aberrações sexuais são ridicularizadas, estão na base de uma série de anedotas sarcásticas, ficando, assim, marcadas como impróprias e efetivamente indesejadas.

Uma destas “aberrações sexuais” nos interessa – aquela que acarreta as mais severas punições: a proibição do incesto, o ato sexual entre parentes, sobretudo irmãos → *suvasova (tabu supremo)*

O tabu do incesto

- Novidade da abordagem de Malinowski: enfrentou um tema até então tabu nas diversas áreas do conhecimento: a **sexualidade** e, mais do que isso, o tabu do **incesto**.
- Seu relato apresenta o **tabu do incesto** como fundamental na organização das relações entre os habitantes das Ilhas Trobriand, além de ser uma fonte rica em descrições sobre como os nativos encaravam a proibição, sobre seus mitos, rituais e sobre as severas punições às transgressões do tabu.

SUVASOVA

Ao analisarmos os momentos importantes no crescimento de uma criança trobriand vimos que, chegada certa idade, ela deve deixar da casa materna.

Dentre os fatores que determinam esta saída está o mais importante – a proibição de qualquer aproximação erótica, ou leve manifestação de ternura, entre um irmão e uma irmã.

Esse tabu é o protótipo de tudo o que é errado e horrível para o nativo, sendo designado pelo termo suvasova.

É a primeira regra moral a ser seriamente inculcada no indivíduo e a única que se impõe por força de todo um aparato de sanções sociais e morais. Está tão profundamente arraigada na estrutura da tradição nativa que os trobriandeses não a perdem de vista jamais.

Luguta

Luguta é o termo utilizado para designar tanto o “irmão” quanto a “irmã”.

O termo designa uma pessoa do sexo oposto e da classe proibida – é um termo que denota “tabu”.

Toda uma nova ordem de idéias e regras começa a se formar em torno da palavra já em fase precoce da vida individual.

A criança é tratada com rispidez, repreendida, punida sempre que esboça atitude amistosa para com seu *luguta*. E o choque emotivo é particularmente forte quando se percebe a expressão de horror e angustia no rosto dos pais ao se zangarem por isso.

Costumes fixos e disposições são usados para evitar todo tipo de contato entre irmãos:

- É proibido participar de jogos sexuais, mesmo na infância, e essa é uma convenção que as próprias crianças observam com rigor;
- Quando aparecem juntos em público é regra manter-se um comportamento rígido e muita sobriedade nas conversas;
- A irmã deve inclinar-se diante da aproximação do irmão;
- Não podem ver seu irmão ou irmã participando de brincadeiras sexuais ou carícias amorosas, com o risco de, segundo disseram os nativos e que Malinowski afirma ser exagero, cometer *lo'u*: suicidar-se atirando-se do alto de um coqueiro;
- O irmão, que na vida adulta será o “pai” da família dela, não deve intervir em seu relacionamento nem na escolha do marido ou namorado – deve manter-se longe de assuntos libidinais.

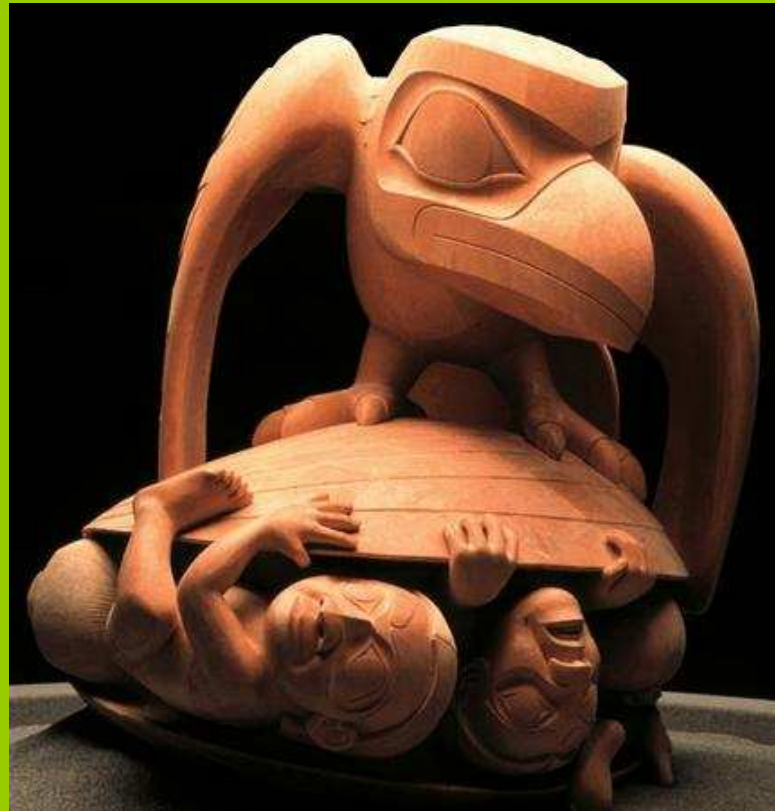
Continuação:

Assim, irmão e irmã crescem com uma estranha espécie de proximidade: estrito contato, proximidade de parentesco, interesses comuns, mas, no tocante à personalidade, permanecem desconhecidos.

Outras formas de incesto:

- entre mãe e filho, é condenado moralmente, mas não desperta tanto horror quanto entre irmãos.
 - entre pais e filhas, encontra-se relatos, mas também não é visto com bons olhos e desperta repugnância moral (lembramos que esses nativos não vinculam o pai à geração de filhos). Mesmo nos casos encontrados, paira um tabu e não se comenta na tribo.
 - entre avos e netos é tido como ridículo e não há casos.
 - entre cunhados também é desaprovado, visto que a relação de um marido com a irmã de sua esposa deve ser também uma relação de irmãos.
- Assim, a partir das conclusões de Malinowski, podemos afirmar que *o tabu contra o incesto é o traço mais marcante e mais dramático da organização social dos trobriandeses.*

O Mito do Incesto



Mito de origem

Parte II

Sigmund Freud

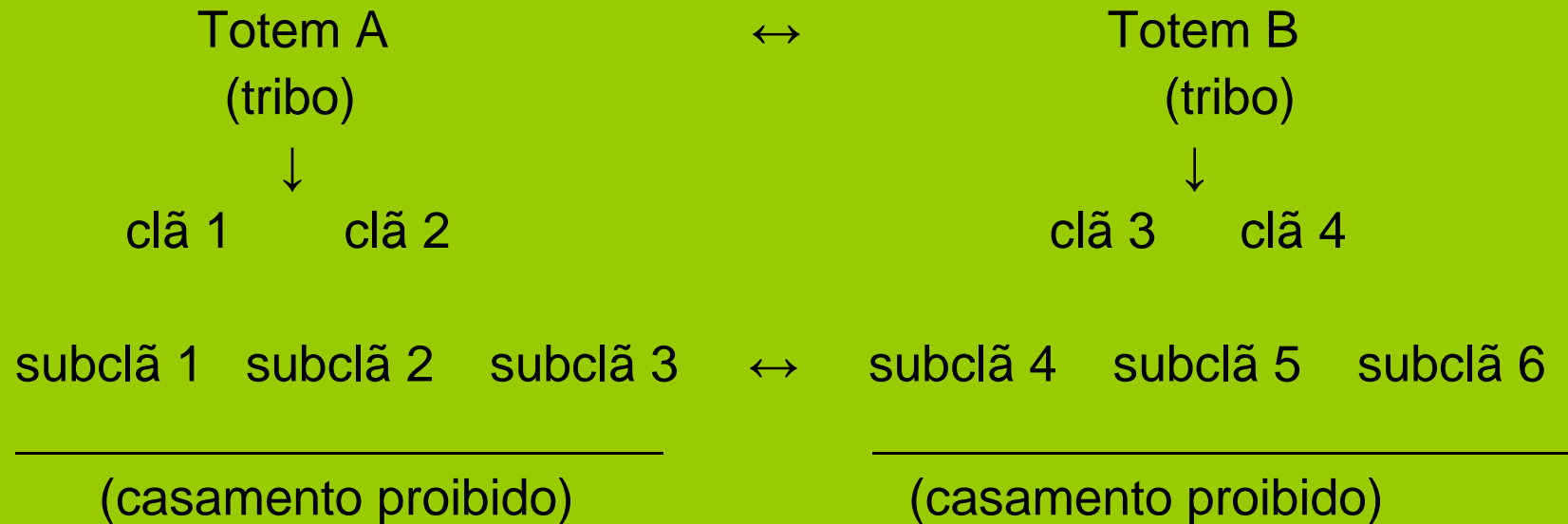
- Psicanálise e Antropologia
- *Totem e Tabu* (1913-14)

Totemismo e Exogamia

“Em quase todos os lugares em que encontramos totens, encontramos também uma lei contra relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e, conseqüentemente, contra o seu casamento. Trata-se da exogamia, uma instituição relacionada com o totemismo.” (Freud)



COMPLEXIDADE DAS TROCAS EXOGÂMICAS



O casamento é proibido dentro entre os clãs pertencentes ao mesmo totem, mesmo que não haja paridade consangüínea.

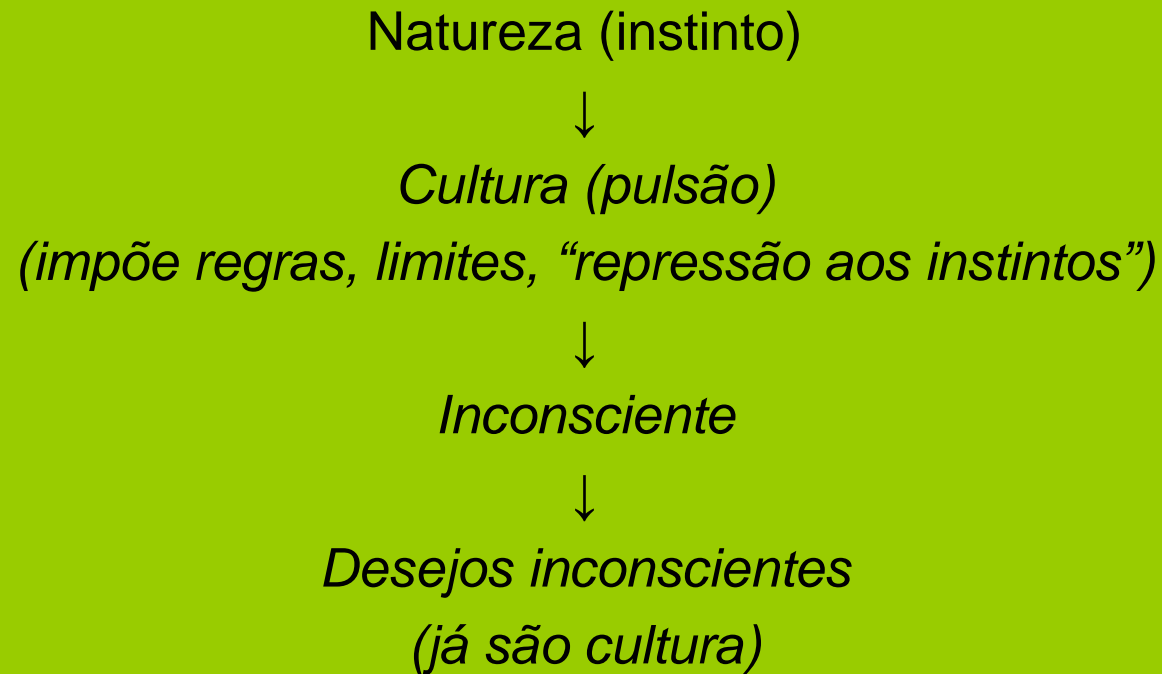
Os casamentos são permitidos apenas entre as duas tribos, o que diminui muito a possibilidade de trocas matrimoniais.

(Ver Totem e Tabu)

Continuação:

- Contribuição de Freud: os povos “primitivos” são muito sensíveis à questão do incesto e sua prevenção. Costumes, regras, evitações, etc.
- Psicanálise: ensinou que a primeira escolha de um objeto de amor feito pelo menino é a mãe. Neurótico (infantilismo psíquico).

“Assim, não é de pouca importância que possamos mostrar que esses mesmos desejos incestuosos, que estão destinados a mais tarde tornarem-se inconscientes, sejam ainda encarados pelos povos selvagens como perigos imediatos, contra os quais as mais severas medidas de defesa precisam ser aplicadas.” (Freud)



PS: Freud – “a pulsão é o instinto que se desnaturaliza”

É tão forte o tabu do incesto e tão complexas as relações de parentesco que Freud afirma parecer o “resultado de uma decisão deliberada”.

“O princípio foi o ato” (Goethe – Fausto, In Totem e Tabu)

Parte III

Claude Levi-Strauss

(1908-)

OBRA: “As Estruturas Elementares do Parentesco” (1948)

- Antropologia: em busca dos universais
- Natureza e Cultura: a proibição do incesto.
- O Inconsciente estrutural



Antropologia: em busca dos universais

- História da antropologia:
Diversidade (empirismo, etnografia)
+
Universalidade (estruturas elementares)
- Antropologia:
Biologia + Psicologia + Sociologia

Natureza e Cultura: a proibição do incesto.

“As Estruturas Elementares do Parentesco”: cônjuges possíveis/
cônjuges proibidos.

Busca de invariantes que possam explicar os universais nas práticas sociais – encontra a proibição do incesto.

- Proibição do incesto:

Contra a abordagem tradicional: Pensa em termos de interdições (morais ou biológico-genéticas), um esquema simplista de consangüinidade e considerações morais etnocêntricas.

A proibição do incesto como positividade social:

Novidade: Levi-Strauss mostra que a união entre os sexos é objeto de uma transação assumida pela sociedade – trata-se de uma fato social e cultural, um fato positivo criador do social/cultural.

Des-biologiza o incesto.

Deslocamento: recusa o naturalismo e faz da proibição do incesto a pedra de toque da passagem da natureza → cultura.

(Emancipa a Antropologia do terreno das ciência naturais vinculando-a ao estudo da cultura)

Introdução (“Estruturas elementares do parentesco”)

1. Natureza e Cultura
2. A Proibição do Incesto

“Onde acaba a natureza a começa a cultura?”

Recusa “biologismo” (o que é cultura?)

1. Isolar um indivíduo?

Hipótese dos “menino lobos”

Conclusão: No ser humano é impossível isolar um comportamento de caráter pré-cultural

2. Buscar nos primatas superiores (macacos antropóides)?

Difícil encontrar comportamento “cultural” entre essas espécies.

“A vida sexual dos selvagens não se presta à formulação de nenhuma norma”

→ Não há “norma”.

Natureza e cultura

Há um círculo vicioso ao tentar entender a origem da “cultura” e suas instituições e regras na natureza.

Natureza → (UNIVERSALIDADE)

(herança biológica, universal, constante)

Cultura → (NORMA)

(tradição externa, regras, costumes, instituições, diversidade cultural)

“Estabeleçamos que tudo quanto é universal no homem dependa da ordem da natureza e se caracteriza pela espontaneidade; e que tudo que está ligado a uma norma é cultura e apresenta os atributos do relativo e do particular” (Levi-Strauss)

Encontramos-nos assim face a um fato:... A proibição do incesto!

Proibição do incesto

“A proibição do incesto apresenta, indissoluvelmente reunidos, os dois caracteres...: é uma regra ao mesmo tempo que apresenta o caráter de universalidade”

“A proibição do incesto possui ao mesmo tempo a universalidade das tendências e dos instintos e o caráter coercitivo das leis e das instituições”

Terrível mistério!

Objetivo de Levi-Strauss: mostrar que...

“A proibição do incesto está ao mesmo tempo no limiar da cultura, na cultura e, em certo sentido, é a própria cultura”

Continuação:

Proibição do incesto:

Universalidade: psicologia/biologia

Regra: sociologia

Porém...

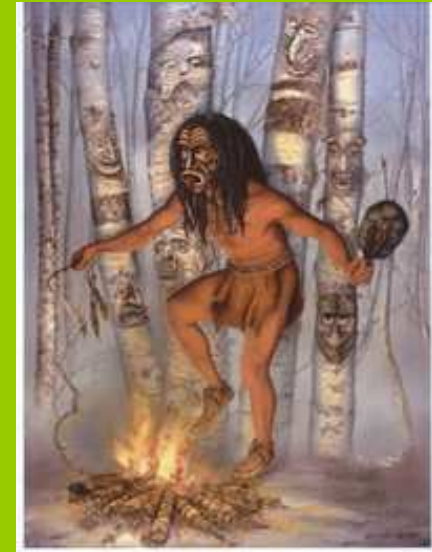
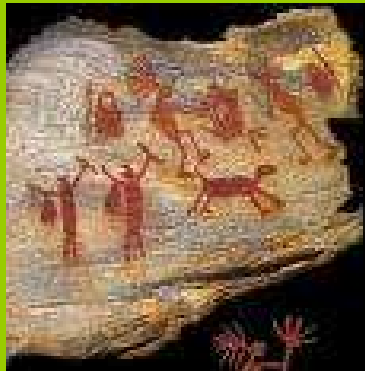
...a proibição do incesto é uma Regra Universal:

“Constitui o passo fundamental graças ao qual, pelo qual, mas sobretudo no qual se realiza a passagem da natureza à cultura”

Continuação:

“É menos uma união do que uma transformação, uma passagem. Antes da cultura ela ainda não está dada. Com ela a natureza deixa de existir, no homem, como um reino soberano. A proibição do incesto é um processo pela qual a natureza ultrapassa a si mesma. Acende a faísca sob a ação da qual forma-se uma estrutura de um novo tipo, mais complexa, integrando-as às estruturas mais simples da vida psíquica assim como da vida animal. Realiza o advento de uma nova ordem”. (Levi-Strauss)

Inconsciente estructural



La deidad descendiente



Antropologia

Se a antropologia é capaz de nos responder à pergunta “o que é o ser humano”, ela o faz da seguinte forma:

O que é natural do humano é a capacidade de se recriar a cada momento.

Reflexões finais (filosofia e antropologia)

O QUE PE O SER HUMANO?

ANTROPOLOGIA: cultura

FILOSOFIA: Práxis/ Ética/Autonomia

O QUE SE TORNOU O SER HUMANO?

- Razão ocidental é produto da História: um “projeto” histórico entre outros
- Freud: “Psicologia de massas e análise do ego”
“Mal-Estar na Cultura” (1929): Indivíduo – Sociedade

O QUE FAZER?

- **Des-naturalizar as barbáries cotidianas:** ex.: Pedofilia/ incesto/Trote
- **Crítica da cultura** (*dialética da cultura*):
 1. reconstruir o tempo da sociedade (passado)
 2. propor sentido/finalidades – “Utopias concretas”

Bibliografia:

Sobre Antropologia, incesto e sexualidade:

HISTÓRIA:

- DOSSE, François, **História do Estruturalismo.**
- LAPLANTINE, François, **Aprender Antropologia.**

ETNOGRAFIA:

- MALINOWSKI, Bronislaw, **Uma teoria científica da cultura.**
 - * **Sexo e repressão na sociedade selvagem.**
 - * **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia.]**
 - * **A vida sexual dos selvagens.**
 - * **Crime e costume na sociedade selvagem.**
- MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento.**

PSCANÁLISE/ESTRUTURALISMO: ANTROPOLOGIA

- FREUD, Sigmund, **Totem e tabu.**
- LEWIS, Roy, **Por que almocei meu pai.**
- LÉVI-STRAUSS, Claude, **As estruturas elementares do parentesco.**

Outras/sugestões:

- CLASTRES, Pierre, **A sociedade contra o estado**
- ADORNO, Teodor W., **Educação e Emancipação.**
- MARCUSE, Herbert, **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica de Freud.**
- BLOCH, Ernst, **Princípio esperança.**